A CÚPULA SILENCIOSA

ARQUIVO DA SOLUÇÃO

PARE.

Este arquivo contém a resposta.
Se você ainda não preencheu o
Formulário de Veredito, volte.

A PESSOA QUE MATOU ADRIAN VOSS

Ingrid Sorensen

A Cadeia de Provas

1. Não foi uma queda. A autópsia derruba a hipótese da queda de três maneiras: há um único golpe, com marca compatível com uma borda metálica estreita e curva; não há segundo impacto em nenhuma parte do corpo; não há ferimentos de defesa, porque o golpe veio por trás. O swab da área limpa do braço do contrapeso do telescópio deu resultado presuntivo positivo para sangue. A arma foi esse braço, na plataforma, e quem o usou o limpou.

2. O céu registra a hora da morte. Os rastros das estrelas na exposição estão corrompidos entre 00h32 e 00h51, exatamente o intervalo em que o motor de rastreamento foi passado para manual no painel e depois voltou ao automático (ANEXO 1). O intervalo dado pela autópsia é 00h30–01h10. Quem matou precisou parar o rastreamento do telescópio para agir na plataforma: o braço do contrapeso só pode ser usado como arma depois de liberado, e isso só é possível no modo manual. Os minutos do crime ficaram gravados na imagem fotográfica como uma interrupção.

3. O painel e as portas apontam para uma só pessoa. As operações foram feitas no painel físico, dentro da cúpula, com um código pessoal digitado corretamente na primeira tentativa: CÓDIGO-3. Segundo a tabela de atribuição, o CÓDIGO-3 é de Ingrid Sorensen. Os registros de cartão contam a mesma história: o CARTÃO-05 (Sorensen) saiu do prédio principal às 00h21, entrou na cúpula às 00h24 e saiu da cúpula às 00h58. A porta que Rivera ouviu às 00h26 corresponde à segunda dessas passagens. No depoimento, Sorensen disse: “Por volta das 23h00, fui para o meu quarto. Não saí de lá até de manhã.” O cartão e o código dela mesma a desmentem.

4. As luvas. As fibras de lã cinza-escuro do arranhão no guarda-corpo coincidem com as luvas lavadas na lavanderia naquela noite, e essas luvas, apesar da lavagem, ainda traziam no punho a graxa de manutenção do braço do contrapeso. A única pessoa cujo trabalho poderia colocar essa graxa no punho é a engenheira que assinou a manutenção do braço em 28 de dezembro.

O Motivo

A carta inacabada na escrivaninha de Voss (ANEXO 2) prometia dois relatórios na manhã seguinte. O primeiro era a venda de dados de Milo; Milo já sabia disso e confessou. O segundo eram as assinaturas feitas depois do fato no cronograma de manutenção. Sorensen minimizou isso no depoimento complementar como um atraso de papelada; mas a falha de ventilação do inverno passado levou uma pessoa ao hospital, e um registro de manutenção completado depois, com assinaturas retroativas, é falsificação de documento para esconder negligência. Um laudo de defeito de fábrica salva o ventilador. Não salva a falsificação. Dezenove anos de carreira, a aposentadoria dela e um provável processo criminal estavam em jogo na janela de satélite das 09h00.

Sorensen sabia que Voss estava na cúpula naquela noite; nas noites de exposição, ele subia à plataforma e fazia à mão as anotações de ajuste fino no caderno, e é por isso que estava sem as luvas externas. Às 00h21, ela entrou no corredor, parou o rastreamento no painel, usou o braço do contrapeso liberado, limpou-o, levou o corpo até o pé da escada para simular uma queda, devolveu o motor ao automático e saiu às 00h58. Lavou as luvas na lavanderia. Ser quem “encontrou” o corpo de manhã também fazia parte do plano: as pessoas acham que quem encontra nunca é quem matou.

Por Que os Outros São Inocentes

As quatro pessoas deste arquivo escondiam alguma coisa. Para três delas, não era assassinato.

Lena Hartmann: “O caso do roubo de dados e aquela frase fria”

Ela tinha uma briga aberta com o falecido e foi fria o bastante para dizer “Então finalmente aconteceu.” Mas o registro do satélite a coloca na sala de controle em boa parte do intervalo provável da morte: sessão L.HART-0231, 23h31–00h47, setenta e seis minutos ininterruptos; ela estava em plena ligação às 00h32, quando o painel passou para manual. O CARTÃO-02 não aparece em nenhum registro daquela noite. A lógica do depoimento complementar também se sustenta: quem registrou sua queixa oficialmente naquela mesma noite não ganha nada com a morte do homem. O processo só poderia ajudá-la enquanto Voss estivesse vivo.

Milo Berg: “Venda de dados, crise na tese e nenhuma testemunha”

No papel, o motivo dele é o mais forte: Voss ia denunciá-lo ao instituto na manhã seguinte, e ele sabia. Também não tem quem confirme onde estava. Mas faltavam os meios físicos. Não há código de painel atribuído a ele, e as operações no painel foram feitas com o código correto na primeira tentativa, não por adivinhação. O cartão dele, CARTÃO-03, não foi lido em nenhuma porta naquela noite. As fibras no guarda-corpo são de lã cinza; as luvas dele são laranja. O que ele escondia era uma infração de verdade, e ele confessou. Mas o que ele vendeu foram dados, não uma vida.

Tomas Rivera: “O portador de más notícias e a caminhada da meia-noite”

Ele estava acordado no intervalo provável da morte e omitiu isso no primeiro depoimento, mas o contador do bebedouro (00h07) e o sensor do armário de remédios (00h09) o colocam exatamente onde ele diz ter estado, no refeitório. O cartão de visitante dele não tem permissão no corredor da cúpula e não foi lido em nenhuma porta; ele não tem código de painel; as luvas dele são de couro marrom. A decisão do orçamento já estava fechada em 8 de janeiro, de qualquer modo, e a morte de Voss não lhe traz nenhum ganho. E a porta que ele ouviu às 00h26 se revelou o depoimento mais valioso do dossiê: confirmou o minuto em que a assassina entrou na cúpula.

CASO ENCERRADO

Ingrid Sorensen foi presa pelo assassinato de Adrian Voss. O DNA do sangue no braço do contrapeso coincidiu com o do falecido. O processo do incidente de ventilação foi reaberto; o exame grafotécnico do cronograma de manutenção confirmou a falsificação.

Você resolveu? Há dezenas de outros casos sem solução em murdermysterytime.com, para jogar no navegador, e o primeiro caso é grátis.